

Blade Runner no Plano Piloto

Quem frequenta a rodoviária diariamente acaba se acostumando com um cenário de fazer inveja a qualquer *Blade Runner* da vida. Mendigos remexendo latas de lixo, crianças esfarrapadas e sujas pedindo esmola, enormes filas, barulho, poluição. Não é à toa que este é o ponto da cidade onde têm ocorrido mais frequentemente manifestações de insatisfação popular. Os hábitos da rodoviária vão incorporando a baderna no seu dia-a-dia, aprendendo a conviver com ela e dando à luz, de uma forma ainda incipiente, um certo clima de saudosismo dos tempos em que a rodoviária era um cartão postal da cidade.

"Isto aqui já foi sala de visitas de Brasília. Hoje, está completamente esquecido pelo governo", reclama Jacques Filho, que trabalha no Setor Comercial, mora no Distrito Federal desde 1957 e pega diariamente o ônibus para Unai na rodoviária. "Parece que não há mais manutenção. Os faxineiros antigamente eram uniformizados. Hoje, parecem mais mendigos. Está certo que a população cresceu, mas isso não justifica a deterioração".

Tampa o nariz — Outro que se queixa é seu Jair Castelo Branco, aposentado do Banco do Brasil e morador de Brasília desde 1962: "Hoje já não pego mais muito ônibus, mas de uns tempos para cá pude verificar que a rodoviária avacalhou muito. Para entrar num banheiro desses eu preciso tampar o nariz". Seu Jair conta que ficou espantado quando viu a baderna de terça-feira pela televisão: "Mulher casada, com filho no colo ou neném em casa, presa aqui. Isto não se faz".

Zezinho, dono da lanchonete Três Irmãos, na plataforma inferior da rodoviária, já sabe como lidar com a baderna: "Quando vejo aquela correria, neguinho quebrando ônibus, vou logo fechando. No badernaço invadiram a Pastelaria Viçosa, aqui do lado, e roubaram um monte de coisa". Para Zezinho, a tendência é de que a situação se agrave.

João Sobreira, um alagoano que reside há 15 anos em Brasília e trabalha como lambe-lambe na plataforma inferior, reclama do horário escolhido pelos rodoviários para a paralisação de terça-feira, mas ironiza: "Quando tem greve aqui, a gente acaba vendo mais polícia do que civil".

Medo — Outro que reclama do horário escolhido pelos rodoviários para a paralisação é seu Antônio Cordeiro, dono da Charutaria Guanabara, próxima ao posto da Polícia Civil: "É errado trazer o povo para cá de manhã e depois não levar eles de volta". Era a mulher de seu Antônio quem cuidava da loja na hora em que ocorreu o tumulto de terça-feira. "Fiquei sabendo pela TV e vim correndo fechar a loja. Como estamos perto da polícia, tive medo que o povo resolvesse invadir aqui".

Na opinião de seu Antônio, é sempre difícil para a polícia fazer alguma coisa: "É só eles se meterem, que o povo fica contra". A mesma coisa pensa seu Walter Sena Souto, proprietário da Papelaria Papiros, em frente à loja de seu Antônio: "Bandido é bandido até que a polícia bote a mão nele. A partir daí, é um pobre coitado injustiçado, uma vítima".

(César Mendes)